

# Gabriela



MANOEL D'ALMEIDA FILHO

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

# GABRIELA

ARACAJU — SE

1976

# GABRIELA

Temos a obrigação  
Com os queridos leitores,  
Trazer-lhes versificados  
Romances superiores,  
Mostrando livros famosos  
Dos ilustres escritores.

O romance *Gabriela*,  
Já televisionado,  
Obra da pena do grande  
Romancista Jorge Amado,  
Que nos traz para o presente  
Os costumes do passado.

História que ultrapassou  
Fronteiras e regiões,  
Traduzida em várias línguas,  
Lida por muitos milhões  
De pessoas, que esgotaram  
Sucessivas edições.

Para que todos conheçam,  
Vamos mostrar Gabriela,  
Uma morena que a Lua  
Sentia ciúme dela —  
Diziam que a sua pele  
Cheirava a cravo e canela.

Uma linda nordestina,  
Com cabelos de sereia,  
Seus belos olhos mostravam  
O brilho da Papa-ceia,  
Sangue quente, onde o amor  
Latejava em cada veia.

Gabriela era inocente,  
Não possuía maldade,  
Ela amava a qualquer homem  
Com tal naturalidade,  
Que mostrava no sorriso  
A sua ingenuidade.

Para quem simpatizasse,  
Se entregava apaixonada,  
Ficava muito feliz  
Quando se sentia amada,  
Porém, depois do contato...  
Achava aquilo ser nada!

Qualquer tipo de maldade  
Não havia em sua mente:  
Se enfeitava com as flores,  
Com um sorriso inocente,  
Brincava com as crianças,  
Como uma adolescente.

Agora, vamos saber  
Como surgiu Gabriela,  
Na história em que propomos  
Versejar a vida dela —  
A moça que muitos homens  
Se apaixonaram por ela.

No ano de vinte e cinco,  
Houve uma seca fatal  
Que queimou todo o Nordeste,  
Acabando o matagal,  
Empurrando os nordestinos  
Em busca do litoral.

Deixando os campos torrados,  
As levadas de retirantes,  
Pisando na terra em brasa,  
Caminhavam ofegantes,  
Morrendo de fome e sede,  
Buscando as terras distantes.

Nesse meio, Gabriela,  
Fugindo do sofrimento,  
Viajava com um tio,  
Passando o maior tormento,  
Carregando os cacarecos  
Num velho burro jumento.

Gabriela, na viagem,  
Para salvar sua vida,  
Acompanhada do tio,  
A pessoa mais querida,  
Encontrou com dois famintos  
Que lhe pediram comida.

Eram Clemente e Fagundes  
Deixando o sertão queimado.  
A moça lhes deu um pouco  
Do que lhe tinha sobrado,  
Embora o tio ralhasse,  
Achando mal empregado.

Eles tentaram segui-la,  
Porém ela agradeceu,  
Dizendo não precisar  
Já daquele auxílio seu.  
Seguissem outro caminho,  
Mas Clemente não cedeu.

Seguiu sempre acompanhando  
A formosa Gabriela.  
Quando havia acampamento,  
Ele estava ao lado dela,  
Cantando e tocando harmônica,  
Apaixonado por ela.

Fagundes também seguia,  
Acompanhando Clemente,  
E Gabriela aceitava  
A companhia inocente  
Do homem que demonstrava  
Amá-la sinceramente.

Entretanto, Gabriela  
Dormia no matagal,  
Sobre os braços de Clemente,  
Achando aquilo normal —  
Não sabia o que era amor  
E nem pensava no mal.

Assim, dormia enrolada  
Com Clemente na areia,  
Coberta com o lençol  
Do clarão da Lua cheia,  
Bordado com as estrelas  
Que Deus pelo céu semeia.

A caravana seguia,  
Até que o burro morreu  
E o tio de Gabriela  
Gravemente adoeceu,  
Pela falta de recursos,  
Dias depois faleceu.

Gabriela, agora só,  
Com os amigos seguia.  
O Clemente, apaixonado,  
Todo o amor lhe prometia,  
Ela, inocentemente,  
Dizia que não queria.

Isso já perto de Ilhéus,  
Viajavam sem parar.  
Clemente dizia que  
Agora ia trabalhar  
Nas fazendas de cacau  
E com ela se casar.

Porém Gabriela achava  
Aquilo uma brincadeira,  
Dizia: — Vou à cidade,  
Eu quero ser cozinheira,  
Para fazer o que sei —  
Tenho de achar quem me queira!

Nisso caiu uma chuva  
Com tremenda trovoada.  
Vamos deixar Gabriela  
Da tempestade abrigada  
Com Clemente e com Fagundes,  
Numa casa abandonada.

Vamos conhecer Ilhéus,  
Cidade opulenta e bela,  
Com todas as personagens  
Que desfilam na novela,  
Enquanto chega o momento  
Da vinda de Gabriela.

Andando pela cidade,  
Vemos praças e jardins,  
Os estabelecimentos  
Para os seus devidos fins,  
As casas de diversões,  
Palco dos grandes festins.

Bar Vesúvio, de Nacib,  
Que era bar e restaurante,  
Lugar de reuniões  
Do povo mais importante,  
Doutores e coronéis,  
Da classe mais elegante.

O cabaré Bataclã  
De Maria Machadão —  
Jogo, mulher e bebida,  
Amor, dança e sensação,  
Onde o povo masculino  
Matava a sua paixão.

Aqueles homens gostavam  
Da casa das *mariposas*,  
Onde tinham liberdade —  
Bebiam como raposas,  
Tendo os carinhos que eram  
Negados pelas esposas.

Sim, porque, naquele tempo,  
Pouco havia namorados —  
Sempre os casamentos eram  
Por parentes arranjados,  
Não podendo haver amor  
Entre dois seres forçados.

A moça nunca casava  
Com o rapaz que queria.  
Da mesma forma, o rapaz,  
Era o pai quem decidia  
O casamento do filho,  
Que rejeitar não podia.

Ilhéus não fugia à regra:  
Os forçados se casavam,  
Porém os homens frustrados  
Os cabarés procuravam,  
Enquanto as suas mulheres  
Em casa se lastimavam.

Por isso era o Bataclã  
O lugar mais frequentado  
Pelos burgueses da época  
Que gozavam desse estado,  
Onde todos desfrutavam  
O luxo mais requintado.

As mulheres mais bonitas  
Lá viviam a sua vida,  
Alimentando os desejos  
De uma esperança perdida,  
Afogando as suas mágoas  
Sob o vapor da bebida.

Nesse tempo era o reinado  
Dos famosos coronéis,  
Protetores de jagunços,  
Detentores dos papéis  
De todo o poder político,  
Ditando as leis mais cruéis.

Eram esses coronéis  
Que governavam a cidade,  
Ricos em terra e dinheiro,  
Quase na totalidade  
Fazendeiros de cacau  
Da municipalidade.

Alguns desses fazendeiros  
Eram almas poluídas —  
Uniam às suas fazendas  
Terras mal adquiridas,  
Aumentando o patrimônio  
À custa de muitas vidas.

Pessoas pobres, que tinham  
Terrenos sem escrituras,  
Quando menos esperavam,  
Vinham outras criaturas,  
Que lhes tomavam as terras,  
As casas e as culturas.

A justiça não havia  
Para os pobres esbulhados,  
Porque as leis eram feitas  
Pelos privilegiados.  
Os que reclamavam, eram  
Presos ou assassinados.

Era assim aquela época,  
Dito por qualquer relato.  
Mas vamos mudar de rumo,  
Para sabermos de fato  
Como vivia a cidade  
Na mão do caronelato.

Coronel Ramiro Bastos,  
Velho, porém consciente,  
Além de chefe político  
Era também Intendente,  
Bem servido e respeitado  
Por toda a sua corrente.

Coronel Melk Tavares,  
Também muito respeitado,  
Presidente do Conselho,  
Fazia qualquer mandado  
Do seu compadre Intendente,  
No lugar de delegado.

Homem duro, de caráter,  
Era com dona Idalina  
Casado e tinha uma filha,  
Que se chamava Malvina,  
Moça bonita e de fibra  
Para lutar contra a sina.

Outro coronel de fibra,  
De palavra decidida,  
O Jesuíno Mendonça,  
Tinha a honra como a vida.  
Era dona Sinhazinha  
A sua esposa querida.

Coronel de gênio cru  
Era o Amâncio Leal.  
Dona Dadá, sua esposa,  
Seguia o seu ideal.  
Um rapaz chamado Berto  
Era o filho do casal.

Coriolano Ribeiro,  
Coronel mais moderado,  
Porque, quando precisava  
De uma coisa ser vingado,  
Pedia ajuda aos compadres  
Por quem era auxiliado.

Coronel Ramiro tinha  
Dois filhos: um deputado,  
Doutor Alfredo, bom médico,  
O outro era advogado,  
O doutor Tonico Bastos,  
Com um cartório montado.

O doutor Alfredo Bastos,  
Um homem de disciplina,  
Casado com dona Slívia,  
De família muito fina,  
Tinha uma filha, a Jerusa,  
Que era amiga de Malvina.

Porém, seu irmão Tonico  
Nem parecia doutor —  
Casado com dona Olga,  
Por quem não sentia amor,  
Corria atrás de mulheres  
Como abelha atrás de flor.

O doutor Maurício Caires  
Era mais um dos fiéis  
Servidores da justiça  
Na inversão dos papéis,  
Como bom criminalista  
Da causa dos coronéis.

Padre Basílio Ferreira,  
Sacerdote da cidade,  
Neutro politicamente,  
Porém com grande amizade  
Entre todas as pessoas  
Da religiosidade.

O doutor Maurício era,  
Entre os mais religiosos,  
Um também dos mais fanáticos  
Contra os maus, pecaminosos,  
Modas, costumes modernos  
E os usos escandalosos.

Freqüentador da igreja,  
Desempenhando missões,  
Pois sempre fazia parte  
Das diversas comissões,  
Nas campanhas financeiras  
Para as arrecadações.

Também dona Sinhazinha  
Era, entre as mais fervorosas,  
Assídua freqüentadora  
Das ordens religiosas,  
Fazia parte do grupo  
Das senhoras caridosas.

Tinha outro componente  
Daquela sociedade:  
O professor Josué,  
Que ensinava a mocidade,  
Em um colégio de freiras  
Que existia na cidade.

Amante da poesia,  
Não tinha definição  
Qual o seu lado político:  
Manjava a situação,  
Mas às vezes parecia  
Formar na oposição.

O livreiro João Fulgêncio  
Tinha uma papelaria  
Onde vendia cadernos  
E livros à freguesia,  
Também romances de amor  
E livros de poesia.

Também havia outro grupo  
Que fazia oposição  
Aos poderosos políticos,  
Donos da situação —  
Somente depois daremos  
A sua composição.

Agora vamos falar  
Da seca que ameaçava  
A safra dos cacauzeiros:  
Cada dia que passava,  
Da casa dos fazendeiros  
A crise se avizinhava.

A cidade era coberta  
Pelo manto da tristeza,  
Com a seca impiedosa  
Ameaçando a riqueza.  
Os fazendeiros já viam  
O fantasma da pobreza.

Enquanto a seca assolava,  
As senhoras piedosas,  
Esposas dos fazendeiros,  
Em missões religiosas,  
Faziam reuniões  
Com orações fervorosas.

Juntas, idealizaram  
Fazer uma procissão  
Em louvor ao glorioso  
Mártir São Sebastião,  
Para pedir a Jesus  
Chuva para a salvação...

Também o padre Basílio  
Aderiu à novidade,  
Porém havia três santos  
Adorados na cidade —  
O povo se dividia  
Em qualquer festividade.

Mártir São Sebastião,  
Apesar de padroeiro,  
Também havia São Jorge,  
Chamado o Santo Guerreiro,  
E mais Santa Madalena,  
Que também tinha romeiro.

Para a festa dos louvores  
Houve as primeiras gestões  
Entre a classe aristocrata,  
Porém as opiniões.  
Se dividiam ao sabor  
De acirradas discussões.

Uns pensavam que talvez  
Pudessem se aborrecer  
Os santos não festejados,  
Fazendo a seca ferver,  
Porque somente os três juntos  
Podiam fazer chover.

Porém Santa Madalena,  
Entre as santas mais sofridas,  
Era a base protetora  
Das pessoas desvalidas,  
Festejada e adorada  
Pelas *mulheres perdidas*.

Mulheres assim chamadas  
Pelas esposas cruéis,  
Porém um prato de doce  
Na boca dos coronéis,  
Que iam matar a sede  
Na fonte dos cabarés.

Por isso, aquelas senhoras,  
Que se achavam impecáveis,  
Não queriam aquela santa  
No meio dos intocáveis...  
Já que seria seguida  
Por pessoas miseráveis.

Ela podia também  
Ter a sua procissão,  
Porém sair pela noite,  
Em completa escuridão,  
Para não manchar a honra  
Da rica população.

Já uns pensavam que, para  
Que o milagre acontecesse,  
Precisava muita gente  
Implorando que chovesse,  
Pobres e ricos unidos,  
Para que Deus atendesse.

Quando correu a notícia  
Da festa da procissão,  
Explodiu no Bataclã  
Como fogos de São João,  
Com as mulheres querendo  
Tomar parte na função.

Há pouco havia chegado  
No cabaré Bataclã  
Uma linda sergigana  
Das bandas de Aquidabã,  
Que tinha um brilho nos olhos  
Como o clarão da manhã.

Era chamada Zarolha,  
Porém era muito bela,  
Os homens do Bataclã  
Corriam em procura dela,  
Então, o turco Nacib  
Apaixonou-se por ela.

A Zarolha, combinada  
Com Maria Machado,  
Resolveu participar  
Da festa da procissão,  
Convidou as companheiras  
Para tratar da questão.

Um manto de seda azul  
Teria que ser bordado,  
Por ela e suas amigas,  
Como o céu todo estrelado,  
Para que a santa brilhasse  
No seu dia festejado.

Enquanto elas trabalhavam  
Na confecção do manto,  
A notícia do mister  
Corria por todo o canto —  
Diziam que a rica obra  
Invejava a qualquer santo.

Porém é que as orgulhosas  
Senhoras absolutas  
Tentavam impedir que a santa,  
Com as vestes impolutas,  
Formasse na procissão,  
Seguida por prostitutas.

Enquanto muitas senhoras  
Achavam que a procissão  
Não devia ser manchada  
Pela prostituição,  
Duas ou três discordavam  
Da injusta imposição.

Outras pessoas também,  
Que tinham a mente sã,  
Achavam que as *mariposas*  
Do cabaré Bataclã  
Também tinham seus direitos,  
Naquela festa cristã.

Porém o doutor Maurício,  
Carola muito exaltado,  
Dirigiu-se ao Bataclã,  
Invadiu o reservado,  
Tentou destruir o manto  
Já quase todo bordado.

No entanto, as bordadeiras  
Enfrentaram no momento  
O intruso malfeitor,  
Com coragem e argumento.  
O velho saiu correndo,  
Sem conseguir seu intento.



A Zanolha foi ao padre  
 Pedir sua permissão  
 Para que participassem  
 Na festa da procissão,  
 Mas ele, pressionado,  
 Não pôde dar solução.

Foi ao coronel Ramiro,  
 Pedindo que desse um jeito.  
 O caudilho a recebeu  
 Com carinho e com respeito,  
 Dizendo que também elas  
 Tinham todo o seu direito.

No dia da procissão,  
 As moças do cabaré  
 Saíram levando a santa,  
 Numa profissão de fé,  
 Elevando as suas preces  
 A Jesus de Nazaré.

Vestidas decentemente  
 Conduzindo o lindo manto,  
 Junto a Santa Madalena,  
 Num desprendimento santo,  
 As suas preces subiam  
 Aos céus em um só canto.

A procissão caminhava,  
 Com seus cantos fervorosos,  
 Agora mantendo unidos  
 Todos os religiosos —  
 E aconteceu o milagre,  
 À vista dos curiosos.

Começou relampejar,  
 Logo o trovão estrondou,  
 Escureceu de repente,  
 O espaço se nublou —  
 Dentro de poucos minutos,  
 O temporal desabou.

Assim foi realizada  
 A fé daqueles cristãos:  
 O sofrimento os uniu  
 Nessa hora como irmãos,  
 Entre abraços de alegria,  
 Se beijavam e davam as mãos.

O prazer era tão grande,  
 Nessa hora benfazeja,  
 Que até burros e cavalos  
 Comeram bolo em bandeja  
 E receberam na festa  
 Uma chuva de cerveja!

Terminada a procissão,  
 Numa alegria geral,  
 Choveu a semana inteira,  
 Porém todo o pessoal  
 Estava agora voltado  
 Para um caso especial:

Coronel Coriolano,  
 Saindo fora da linha,  
 Trouxe da sua fazenda  
 Para ser sua amiguinha,  
 Uma moça pobre e linda  
 Que se chamava Chiquinha.

Numa rua principal,  
 Tinha uma bonita casa,  
 Foi onde botou Chiquinha  
 E ficou roçando a asa.  
 As mulheres intocáveis  
 Ficaram pisando em brasa!

Agora ficavam olhando  
 A casa do seu vizinho.  
 O coronel nem pensava  
 Que estava no mau caminho,  
 Porque gostava somente  
 De cafuné e carinho.

Quando ele chegava em casa,  
 Vinha na ponta do pé,  
 Chamava logo Chiquinha:  
 — Venha trazer meu café,  
 Um cheiro com bem carinho  
 E me fazer cafuné!

A mocinha vinha triste,  
 Sem gostar da brincadeira,  
 Porque quem gosta de velho  
 É encosto de cadeira —  
 Porém, por ele forçada,  
 Lhe alisava a cabeleira.

Nisso veio de Salvador.  
Um estudante em visita,  
Chamado Juca Viana,  
Veio mudar sua dita —  
Porque, quando viu Chiquinha,  
Achou-a muito bonita.

Chiquinha vivia presa,  
Porém teve a permissão  
Do coronel, seu senhor,  
Para ir à procissão,  
Onde encontrou-se com Juca  
E abriu-lhe o coração.

Quando se viram, pararam,  
Com gestos abobalhados,  
Sorrindo, os olhos piscando,  
Parecendo enfeitados —  
Pelas setas de Cupido  
Os dois foram atravessados.

Sendo de Berto Leal  
Um amigo idolatrado,  
Juca lhe contou o caso,  
Por quem estava apaixonado,  
Porém, quando Berto soube,  
Disse que ele estava errado.

Berto disse: — Meu amigo,  
Deixe essa moça viver!  
Aquilo ali é um osso  
Muito duro de roer —  
O coronel descobrindo,  
Na certa os dois vão morrer!

Juca disse: — Eu não entendo  
O que se passa comigo!  
Agora, por essa moça,  
Enfrento todo o perigo!  
Tenho que falar com ela,  
Sem pensar no inimigo.

Também havia um dentista  
Instalado na cidade:  
Era Osmundo Pimentel,  
Sem ter popularidade,  
Porém dispensava a Berto  
Uma sincera amizade.

Ao dentista, pelo Berto,  
Foi apresentado Juca  
Que descreveu a Osmundo  
Tudo o que tinha na cuca,  
Lhe pedindo a sua ajuda,  
Naquela idéia maluca.

Osmundo disse: — Rapaz,  
Acabe com esse plano!  
Quem for falar com Chiquinha  
Encontra Coriolano  
Com um revólver na mão —  
Entra na boca do cano!

Porém Chiquinha também  
Não tinha consolação:  
Queria sair na rua  
Para matar a paixão,  
Ver o moço a quem amou  
No dia da procissão.

Inventou uma dor de dente,  
Pensando pegar a pista.  
O coronel não deixou,  
Por nenhum ponto de vista,  
Ela ir ao consultório,  
Com ciúme do dentista.

Osmundo, assim, foi chamado  
À casa do coronel.  
Ficando só com Chiquinha,  
Desempenhou seu papel:  
Deu o recado bem dado  
Do seu amigo fiel.

Tinha um santo na janela;  
Quando estivesse virado  
De cabeça para baixo,  
Tinha o perigo passado —  
Juca entrava pelo fundo,  
Assim ficou combinado.

Os encontros começaram:  
Quando o coronel saía  
Para dar suas jogadas,  
Pelo quintal Juca ia  
E, no quarto com Chiquinha,  
Às vezes até dormia.

Chiquinha, como empregada,  
Tinha uma negra fiel,  
Que fazia tudo em casa,  
Sem esquecer seu papel,  
Enquanto a moça fazia  
Carinhos ao coronel.

Do amor de Juca e Chiquinha,  
A negra tudo sabia,  
Levava os recados dela  
Para o rapaz e trazia  
Também as respostas dele —  
Assim tudo bem corria.

Mas um dia o coronel,  
Como que quem adivinha,  
Não quis jogar, voltou cedo,  
Até muito alegre vinha,  
Esperando receber  
Os carinhos de Chiquinha.

Vinha muito distraído,  
Mas, quando a janela olhou,  
Que viu o santo virado,  
Daquilo desconfiou —  
Com a mosca na orelha,  
Abriu a porta e entrou.

Quando passou pela sala,  
Que do quarto abriu a porta,  
Os dois estavam dormindo:  
Juca tinha a boca torta,  
Chiquinha, nos braços dela,  
Que parecia até morta.

O coronel pensou tudo  
Para fazer de pior,  
Como fazia a vingança  
Para sair a melhor,  
Trancou a porta por fora,  
Para fazer a maior...

Quando Juca se acordou,  
Já era de madrugada,  
Levantou-se e constatou  
Que a porta estava fechada.  
Acordou Chiquinha e disse:  
— Caímos numa cilada!

O certo é que nós dormimos,  
Perdendo a noção da hora,  
Alguém chegou e nos viu,  
Fechou a porta por fora —  
Esse alguém é o coronel,  
Que nos vai matar agora!

Chiquinha abraçou-o chorando,  
Dizendo: — Não pode ser!  
Nada fizemos demais,  
Somente por nos querer —  
Porém pelo nosso amor  
Tão novos vamos morrer!

Juca disse: — Não importa!  
Cai o corpo, o sangue arde —  
A nossa vida é uma luz  
Que se apaga cedo ou tarde,  
Por isso nada difere  
Morrer nas mãos de um covarde!

Enquanto eles lastimavam,  
Coriolano já tinha  
Chamado Amâncio Leal  
Que com seus jagunços vinha,  
Para vingar seu compadre,  
Matando Juca e Chiquinha.

Quando chegaram na sala,  
O dono da casa entrou,  
Agarrou a preta velha  
Que, no chicote, contou  
O romance do casal,  
Desde quando começou.

Coriolano e Amâncio  
Combinaram não matá-los —  
Fazer uma diversão;  
Depois de chicoteá-los,  
Despidos como nasceram,  
Pela janela jogá-los.

Assim mesmo aconteceu:  
Com os corpos retalhados,  
Sem nada de roupa em cima,  
Na chuva foram jogados,  
Saíram de rua em rua,  
Correndo os dois abraçados.

O povo saiu às portas,  
Dando boas gargalhadas.  
Juca e Chiquinha corriam,  
Tropeçando nas calçadas.  
Quando pediam socorro,  
As casas eram fechadas.

Entre gritos e assobios,  
Assim desapareceram.  
Ninguém soube o resultado —  
Se se salvaram ou morreram —  
O certo é que, na cidade,  
Nunca mais apareceram.

Agora, vamos voltar  
Ao dia da tempestade,  
Sabermos como Nacib,  
Por uma necessidade,  
Foi encontrar Gabriela  
Numa casa da cidade.

Era um casarão antigo  
Que, há muitos anos passados,  
Foi mercado dos escravos,  
Onde eram negociados.  
Já no presente, abrigava  
Os retirantes chegados...

Gabriela, de onde estava,  
Já passada a tempestade,  
Veio com os dois amigos  
Em procura da cidade,  
Ficaram no casarão,  
Passando necessidade.

Os fazendeiros da época,  
Logo assim que precisavam  
De novos trabalhadores,  
Pelo casarão passavam,  
Escolhiam os mais fortes  
E que melhor atiravam.

Coronel Melk Tavares,  
Lá passando um dia cedo,  
Achou Clemente e Fagundes,  
Dois sertanejos sem medo,  
Os contratou, constatando  
Que os dois eram bons no dedo.

Clemente lutou, tentando  
Convencer a Gabriela  
Acompanhá-lo à fazenda,  
Lá casarem, porém ela  
Lhe respondeu que queria  
Ser dona da vida dela.

Sem os amigos, ficou  
Sofrendo no casarão,  
Enquanto Nacib estava  
Com a maior precisão  
De uma boa cozinheira,  
Que tivesse aptidão.

Pois a sua cozinheira  
Tinha-o abandonado  
E precisava fazer  
Um jantar encomendado,  
Para a festa de um negócio  
Que seria inaugurado.

Porque Berto Leal ia  
Fazer a inauguração  
Da linha de marinetes,  
Unindo a população  
De Ilhéus à de Itabuna,  
Por meio da condução.

Nacib estava apertado,  
Cozinheira não havia  
Procurava na cidade,  
A todo mundo pedia,  
Foi sair no casarão,  
Procurando o que queria.

Depois de procurar muito,  
Achou o canto esquisito.  
Ia saindo apressado,  
Quando ouviu um grito aflito —  
Era uma voz de mulher,  
Dizendo: — Moço bonito!

Ele parou e virou-se  
Para encarar quem falou.  
Gabriela, maltrapilha,  
Sua vista levantou,  
Repetiu: — Moço bonito!  
Nacib lhe perguntou:

— Quem é você, o que faz?  
Ela disse: — Sou mulher,  
Sei cozinhar, fazer bolos —  
Se acaso o senhor quiser,  
Eu posso servi-lo em tudo,  
Basta só dizer que quer.

Nacib, quase sem crer,  
Disse: — Eu tenho precisão —  
Você vai ganhar dinheiro,  
Se for boa no fogão,  
Ela disse: — Não senhor!  
Não quero dinheiro, não!

Seguiu logo com Nacib,  
Chegando, pôde provar  
Que era boa cozinheira,  
Ao preparar o jantar,  
Com um tempero agradável,  
Para qualquer paladar.

Quando o jantar foi servido,  
Tão bom e apetitoso,  
Os que comeram queriam,  
Cada qual mais curioso,  
Conhecer a cozinheira  
Que fez o manjar gostoso.

Assim Gabriela foi  
Por Nacib apresentada  
A todos os seus fregueses,  
Sendo parabenizada  
Pela comida gostosa,  
Por ela bem preparada.

Ela também preparava,  
Guloseimas saborosas:  
Pastéis, empadas, bolinhos,  
E outras comidas gostosas  
Satisfazendo o bom-gosto.  
Das pessoas mais gulosas.

A linha de marinetes  
Começou a funcionar,  
Conduzindo passageiros,  
Porém temos que a deixar  
E falarmos no dentista,  
Que num dia foi rezar.

O doutor Osmundo, um dia,  
Foi à igreja à tardinha,  
Lá encontrou sem saber  
Com a dona Sinhazinha,  
Esposa de Jesuíno,  
Que saiu fora da linha,

Porque um sapato seu  
Tinha saído do pé,  
Pensando que estava só  
Levantou a saia até  
Mostrar um palmo da perna,  
Quando de Osmundo deu fé.

Mulher, *coroa*, sofrida,  
Sem amar nem ser amada,  
Com Jesuíno Mendonça  
Tinha casado forçada,  
Achou Osmundo bonito,  
Se sentiu apaixonada.

Como devota, adorava  
Mártir São Sebastião.  
Agora, como sonhando,  
Numa sublime ilusão,  
Via o santo no dentista,  
Na mais santa adoração.

Mesmo dona Sinhazinha,  
Apesar daquela idade,  
Ainda estava bonita,  
Tendo personalidade,  
Conservava no seu corpo  
As curvas da mocidade.

Osmundo, como ofuscado,  
Achou Sinhazinha bela  
Quando apanhou o sapato  
E entregou na mão dela,  
Ouviu no peito um estalo,  
Apaixonado por ela.

Osmundo beijou-lhe a mão,  
Porém ela, envergonhada,  
O repeliu com rigor  
Dizendo que era casada,  
Não podia amar ninguém,  
Embora não fosse amada.

O dentista respondeu:  
— Isso já não mais importa,  
Para que seja adorada,  
O amor abriu-lhe a porta —  
Seja oportuna, aproveite,  
Veja que não está morta!

Dona Sinhazinha disse:  
— A diferença de idade,  
Para o amor, nos separa,  
A honra, a sociedade —  
Mesmo eu já sou uma velha,  
Frente à sua mocidade!

O dentista retrucou:  
— O meu amor aproveite!  
Não enxergo a sua idade,  
Só lhe peço que me aceite,  
Pois dizem que o coco velho  
É o que tem melhor azeite.

Assim dona Sinhazinha,  
Sentindo frio e calor,  
Se despediu do dentista,  
Corada pelo pudor,  
Já vendo o renascimento  
Da vida para o amor.

Osmundo não era bem  
Visto na sociedade,  
Pelas mulheres honradas  
De toda aquela cidade;  
Temiam dele a conduta  
Pela sua mocidade.

Mesmo porque tinha sido  
Um companheiro do Juca,  
Por isso, qualquer mulher,  
Ainda sendo caduca,  
Se fosse ao seu consultório,  
Era chamada maluca.

Porém dona Sinhazinha,  
Atendendo ao coração,  
Quando o marido saía,  
Ela, nessa ocasião,  
Ia até ao consultório  
Matar a sua paixão.

Os encontros proibidos  
Continuaram à vontade,  
Onde os amantes gozavam  
A sua felicidade,  
Escandalizando a quem  
Espionava a cidade.

Por esse tempo, chegou  
Raimundo Mendes Falcão,  
Chamado doutor Mundinho,  
Líder da oposição,  
Opositor de Ramiro,  
Dono da situação.

Faziam oposição  
Capitão Miguel Batista,  
Doutor Ezequiel Prado,  
Famoso criminalista,  
Também o doutor Pelópidas,  
Corajoso jornalista.

O livreiro João Fulgêncio  
Também estava na luta,  
Fora as pessoas anônimas  
Que tinham a mesma conduta,  
Sob as ordens de Mundinho,  
Na mais difícil disputa.

Exportador de cacau,  
Homem de muita visão,  
O doutor Mundinho trouxe  
Uma espinhosa missão —  
De melhorar o transporte  
Do cacau na região.

Para isso, precisava  
Ser gasto muito dinheiro:  
A barra seria aberta  
Para entrar qualquer cargueiro,  
Com essa finalidade,  
Contratou um engenheiro.

Contratação conseguida,  
Onde ninguém esperava;  
No Governo Federal,  
Porque Mundinho gozava  
Da influência de um irmão,  
Que por lá se destacava.

Dessa forma, doutor Rômulo  
Dentro em breve chegaria.  
Enquanto na Intendência  
Essa notícia fervia,  
Coronel Ramiro Bastos  
Com o filho discutia...

Porque o doutor Alfredo,  
O seu filho e deputado,  
Não tinha arranjado nada  
No Governo do Estado...  
E por que o doutor Mundinho  
No Rio tinha arranjado?

Então, o doutor Alfredo  
Dizia que não sabia,  
Porém ia a Salvador  
Para ver o que fazia,  
A vinda do engenheiro  
Lutava e impediria.

Porém, nessa discussão,  
Um situacionista,  
O coronel Jesuíno,  
Pensou fazer a conquista,  
Para formar no seu lado  
Um opositorista.

Pensou em casar Mundinho,  
Num movimento de giro,  
Com Jerusa, a bela neta  
Do seu compadre Ramiro,  
Acabando a oposição  
Com um verdadeiro tiro.

Assim, convidou Mundinho,  
Que não sabia de nada,  
Para na sua fazenda  
Comer uma panelada.  
Em seguida, convidou  
Jerusa, a sua afillhada.

Jerusa chamou Malvina,  
Sua amiga e confidente,  
Para que fosse com ela,  
Chegaram as duas na frente,  
Depois o doutor Mundinho  
Chegou inocentemente.

Daquele moço elegante  
As moças viram a cheçada.  
Jerusa, à primeira vista,  
Ficou tão apaixonada,  
Que adoeceu de repente  
E não foi apresentada.

Jesuíno recebeu  
Mundinho com alegria,  
Mostrou-lhe toda a fazenda,  
O cacau que possuía,  
Voltou à casa inocente,  
Sem saber o que existia...

Chegando, teve a notícia  
Que a afillhada adoeceu.  
Para piorar seu plano,  
O pior aconteceu:  
Falando da sua honra,  
Uma carta recebeu.

A dita carta era anônima,  
Porém dizia a verdade:  
Como dona Sinhazinha  
Sujava a sociedade,  
No consultório de Osmundo,  
Ferindo a dignidade.

O coronel, lendo a carta,  
Todo o corpo lhe tremia,  
Alucinado, ferido,  
De raiva os lábios mordia —  
Para lavar sua honra  
O que fazer não sabia.

Porém logo resolveu  
Matar os dois atrevidos —  
Iria agora fazer  
A justiça dos perdidos,  
Porque só o sangue lava  
A honra dos ofendidos.

Mandou procurar um médico,  
Por um empregado seu,  
Para tratar de Jerusa,  
Dizendo que resolveu  
Tratar um negócio urgente  
Que ao sair se esqueceu.

Para fazer a viagem,  
Deixou desculpa a Mundinho,  
Montou-se no seu cavalo,  
Botou o pé no caminho,  
Pensando encontrar os pássaros  
Deitados dentro do ninho.

Chegando no consultório,  
Com os nervos agitados,  
Empurrou a porta e viu  
Os dois na cama deitados,  
Dormindo, de sono solto,  
Com ar de riso, abraçados.

De momento, se acordaram,  
Como quem está sonhando.  
Avistaram Jesuíno,  
Com um revólver apontando —  
Ficaram paralisados,  
Sem ação, observando.

Como exímio atirador,  
O velho entrou em ação.  
Mandou a doutor Osmundo  
Duas balas no pulmão,  
Reservando à sua esposa  
Dois tiros no coração.

A vingança terminada,  
Com justiça, sem engano,  
Foi para a casa do seu  
Compadre Coriolano,  
Para que juntos fizessem  
A rota de um novo plano.

Coronel Coriolano  
Tinha agora outra amiguinha:  
Foi trazida de Olivença,  
Era chamada Glorinha,  
Que, por ser tratada bem,  
Muito respeito lhe tinha.

Glorinha era muito linda,  
Sensual, insinuante.  
Impôs uma condição  
Para ficar como amante —  
Sem a qual não ficaria,  
Nem coberta de brilhante:

Era ficar na janela,  
Aberta à sua vontade,  
Mostrando a sua beleza,  
Apreciando a cidade,  
Sem saber que causaria  
Assombro à sociedade.

Sim, porque todos os homens,  
Que olhavam aquela janela,  
Ficavam extasiados,  
Olhando a beleza dela  
E muitos até brigavam,  
Apaixonados por ela.

Enquanto as ricas senhoras,  
Honradas e de conceito,  
Ficaram escandalizadas,  
Achando ser desrespeito,  
Uma mulher na janela  
Vestida daquele jeito!...

Porém, enquanto Glorinha  
Cumpria com seu destino,  
Vamos tratar do assunto  
Do coronel Jesuíno,  
Na casa do seu compadre,  
Agora, como assassino.

Coronel Melk Tavares,  
Afeito a todo perigo,  
Acompanhou Jesuíno  
Como compadre e amigo,  
Tentando salvá-lo de  
Todo e qualquer inimigo.

Coronel Coriolano,  
Naquele drama espinhoso,  
Chamou Glorinha e pediu,  
Com um modo carinhoso,  
Para que ela o ajudasse  
Esconder o criminoso.

Glorinha falou sincera:  
— Não faço o que o senhor quer!  
Ele mesmo que se arrume,  
Da maneira que puder —  
Deve morrer na cadeia  
Quem bate e mata mulher!



Melk disse: — Então, compadre,  
O que temos a fazer  
É levá-lo agora mesmo,  
Sem nenhum tempo a perder,  
Para o compadre Ramiro  
Essa questão resolver!

Então, coronel Ramiro,  
Sabendo o que aconteceu,  
Com palavras de conforto  
O compadre recebeu.  
Chamando o doutor Maurício,  
O impasse resolveu.

Mandou que o doutor Maurício  
Fizesse um requerimento  
Para o juiz da cidade  
Que, logo no andamento,  
Fosse o crime afiançado,  
Desde aquele momento.

Foi outro requerimento  
Junto ao primeiro mandado,  
Pedindo o porte da arma,  
Para que ficasse armado  
O criminoso, até quando  
Fosse ao júri apresentado.

Foi na fazenda de Melk  
Escondido Jesuíno,  
Esperando em liberdade  
O dia do seu destino,  
Quando o júri mudaria  
Sua vida de assassino.

Foi cada requerimento  
Favorável despachado —  
Jesuíno em liberdade,  
Com direito a andar armado,  
Na fazenda do compadre,  
Sem sequer ser procurado.

Enquanto aquilo, a cidade  
Agora estava fervendo:  
A notícia pavorosa  
De casa em casa correndo,  
Contra a impunção do crime  
A oposição se movendo.

Embora sem dar na vista,  
Usando um plano finório,  
Doutor Mundinho mandou  
O seu povo ao consultório  
Cuidar do assassinado,  
Do enterro e do velório.

Porque dona Sinhazinha  
Tinha sido conduzida  
À casa de uma parenta,  
Que era muito agradecida,  
Devido a ter recebido  
Favores da falecida.

Poucos amigos da morta  
Foram para a sentinela,  
As amigas intocáveis  
Fugiram com medo dela,  
Com receio da desonra  
Que tinha caído nela,

Das amigas, só Malvina  
Foi à sentinela vê-la,  
Contra a mãe e contra o pai  
Que desejavam prendê-la —  
Ela saiu escondida,  
Já não puderam detê-la.

Levou um buquê de flores,  
Pôs em cima do caixão,  
Quase assombrando os presentes,  
Por tanta disposição,  
Beijou a testa da morta,  
Em sinal de gratidão.

Porém ao chegar em casa,  
O que se havia passado  
A sua mãe já sabia,  
Alguém tinha lhe contado —  
Depois contou ao marido,  
Que ficou indignado.

Perguntou logo a Malvina  
O que tinha ido fazer  
Àquela hora na rua,  
Ela disse sem tremer:  
— Fui visitar um cadáver,  
Para cumprir meu dever.

Melk respondeu, irado:  
— Você está enganada!  
Como cumpriu seu dever,  
Fazendo essa palhaçada  
De beijar a testa suja  
De uma morta desonrada?

Malvina disse: — Papai,  
Esta vida é uma ilusão —  
Honrados ou desonrados,  
Um dia todos irão  
Terminar o seu orgulho  
No pó funéreo do chão!

O coronel, mais irado,  
Disse: — Agora, você vai  
Levar uma boa surra,  
Esse seu império cai,  
Para depois entender  
Como se respeita um pai!

Malvina de frente erguida  
Respondeu: — Eu só espero  
A maior ingratidão  
Do seu coração de Nero —  
Porém, enquanto for viva,  
Farei tudo quanto quero!

Ele agarrou um rebenque,  
Numa cama a derribou,  
Nas costas dela bateu  
Até que o braço cansou —  
A moça, só se torcendo,  
Nem gemeu e nem chorou.

Como mãe, dona Idalina  
Enfrentou a confusão,  
Dizendo ao marido: — Basta!  
Já matou sua paixão!  
Quer matar a sua filha,  
Animal sem coração?

Coronel Melk deixou  
A sua filha acamada.  
Ao chegar na Intendência,  
Achou a turma agitada —  
Soube que o doutor Mundinho  
Preparava uma cartada.

Já tinha telegrafado,  
De Ilhéus para Salvador,  
Para o senhor Pimentel,  
Homem de muito valor,  
Pai do moço assassinado,  
Que sofreu a maior dor.

Nesse mesmo telegrama,  
O pai era convidado  
Para vir até Ilhéus,  
Onde seria apoiado,  
Na punição do assassino,  
Com um bom advogado.

Para isso programaram  
Diversas recepções:  
Visita à cova do morto  
E faixas com inscrições,  
Tentando tirar partido  
Nas próximas eleições.

Porém coronel Ramiro  
Fez uma reunião,  
Convocou os seus compadres,  
Num movimento de ação,  
Para impedir as manobras  
Da ativa oposição.

Coronel Amâncio, que  
Tinha jagunço à vontade,  
Tomou conta da missão,  
Fez tudo com brevidade —  
Por dois grupos de capangas  
Foi invadida a cidade.

Por Berto, filho de Amâncio,  
Um grupo era comandado,  
O outro por ele próprio  
Ao cemitério levado,  
Para impedir o programa  
Que ia ser executado.

Porque, pelo seu jornal,  
Havia a oposição  
Convidado o povo para  
A verdade em relação  
Ao assassino guardado  
Nas mãos da situação.

No cemitério ficaram  
Os dois grupos separados,  
Somente aguardando ordens,  
Passeando disfarçados,  
Esperando os visitantes,  
Até que foram chegados.

Doutor Mundinho na frente,  
No comando da visita,  
Seguido dos visitantes,  
Numa postura bonita,  
Mas, avistando os jagunços,  
Achou a coisa esquisita.

Porém desdobrou a faixa,  
Como homem corajoso,  
Onde o letreiro acusava  
O fato delituoso  
Dos coronéis, protegendo  
O colega criminoso.

Quando a faixa foi mostrada,  
Tinha a seguinte inscrição:  
*O morto pede justiça,  
Para o crime punição —  
Que o criminoso responda  
O processo na prisão!*

Nisso um jagunço atirou,  
Como que estava assombrado.  
Embora acidentalmente,  
O tiro foi acertado  
Num seu colega, que havia  
Ficado do outro lado.

Porém o doutor Mundinho  
Pedi ao seu povo calma,  
Continuando a visita,  
Fazendo oração sem palma —  
Apenas do assassinado  
Pedindo a Deus pela alma.

Então, coronel Ramiro,  
Temendo a oposição,  
Foi mesmo em pessoa ver  
Como ia a situação,  
Porém, chegando, encontrou  
Lá a maior confusão.

Viu todo o povo correndo,  
Sem acertar o caminho.  
Dos visitantes que foram,  
Somente o doutor Mundinho  
Ficou olhando o chefão,  
Que não estava sozinho.

Coronel Ramiro, agora,  
Muito autoritário e sério,  
Chamou seu compadre Amâncio  
E perguntou sem mistério:  
— O que foi que aconteceu  
Aqui neste cemitério?

Amâncio lhe contou tudo,  
Da forma que aconteceu —  
Como o jagunço atirou,  
Pegando o colega seu  
Que, levado ao hospital,  
No caminho faleceu.

Ramiro disse: — Compadre,  
Foi uma fatalidade!  
Expulse essa jagunçada  
Com a maior brevidade —  
Não quero ver um jagunço  
Andando pela cidade!

Chegando na Intendência,  
Ramiro, por precaução,  
Convocou os seus compadres  
Para lhes dar instrução,  
Como podiam tapar  
A boca da oposição.

Para completar o plano,  
Mandou chamar o vigário.  
De acordo com o sacerdote,  
Decretou um novenário —  
Nove noites de novenas,  
Para rezar o rosário.

Durante essas nove noites,  
Queria paz na cidade,  
Desarmação dos espíritos,  
Amor e fraternidade,  
Calma, fé e devoção  
Em toda a sociedade.

Com isso, ele deixaria  
Calada a oposição —  
Durante esses nove dias,  
Parava a badalação,  
Porque ninguém ousaria  
Ser contra a religião.

Seria a primeira noite  
Rezada na Intendência.  
Para o convite extensivo,  
Foi tomada a providência,  
A toda a população,  
Com a maior reverência.

O novenário seria,  
Para maior devoção,  
Encerrado na igreja,  
Aonde a população  
Religiosa faria  
Seu ato de contrição.

Na novena de Ramiro,  
Por ter sido convidado,  
Mundinho compareceu,  
Sendo até cumprimentado.  
Com o seu terço rezou  
Humildemente ajoelhado.

Jerusa, a neta do chefe,  
Mundinho logo avistou.  
Vendo que também foi visto,  
De cá a cumprimentou  
Somente com a cabeça,  
Por isso ninguém notou.

Para que fique mais claro,  
Jerusa amava a Mundinho  
Desde o dia do passeio  
Na fazenda do padrinho,  
Porém estava evitando  
Atravessar seu caminho.

Porque, sendo adversário,  
Do seu avô inimigo,  
Jamais poderia amá-lo  
Sem incorrer num castigo.  
Assim, vivia fugindo,  
Como quem vê um perigo.

Da mesma forma Mundinho  
Estava prisioneiro:  
Pela neta do caudilho  
Tinha um amor verdadeiro,  
Porém temia que fosse  
Chamado de aventureiro.

Entretanto, há um poder  
Que domina a humanidade,  
Não reconhece limite,  
Vence toda tempestade,  
Habita nos corações  
No jardim da mocidade.

Esse poder é o amor,  
Que funciona na mente,  
Transmitido pelos olhos —  
Por isso é que muita gente  
Fala: o que o olho não vê,  
Jamais o coração sente!

Esse poder, pelos olhos  
De Jerusa transmitido,  
Foi na noite da novena  
Por Mundinho recebido,  
Fazendo ligar a força  
Positiva de Cupido.

Quando Mundinho saiu,  
Jerusa o acompanhou.  
Assim que ele ouviu os passos,  
Subitamente parou,  
Ela parecendo irada  
Por essa forma falou:

— O que veio aqui fazer?  
Será que o senhor não sabe  
Que, além de ser inimigo,  
Esta casa não lhe cabe?  
Ou quer subir na fumaça,  
Antes que o mundo se acabe?

Mundinho disse: — Jerusa,  
Para tudo há um limite!  
Não seja tão orgulhosa,  
As coisas não precipite —  
Também sou povo, sou gente,  
Vim porque tive convite!

Mesmo, Jerusa, a política  
Do seu avô vai cair,  
Podre, largando os pedaços —  
Já não pode construir  
As obras da humanidade,  
No progresso do porvir!

Sinto que você me ama —  
É o que o seu olhar me diz —  
Venha batalhar comigo  
Fazer um casal feliz!  
Vamos juntos preparar  
O futuro do país!

Jerusa disse: — É verdade!  
Eu respondo cara-a-cara:  
Amo você, amo muito,  
O meu coração declara,  
Porém a sua política  
Para sempre nos separa!

Mundinho disse: — Eu não creio  
Nisso que você me afirma!  
Vamos marcar um encontro,  
Por honra da nossa firma?  
Lá, a sós, é que veremos  
Se o que você diz confirma!

Jerusa lhe respondeu:  
— Pode marcar o lugar,  
Eu aceito o seu convite,  
Só para o enganar —  
Tudo o que foi dito aqui,  
Vou somente confirmar!

Para ser na outra noite,  
O encontro foi marcado,  
Em uma rua afastada,  
Mas nada foi confirmado,  
Porque o amor não deixou  
Que mudasse o resultado.

No local determinado,  
Na hora que se encontraram,  
Esquecendo as divergências,  
Loucamente se abraçaram —  
Do que queriam tratar,  
Somente os beijos falaram.

Quando estavam se beijando,  
Sob a luz do firmamento,  
A patrulha da polícia  
Passou naquele momento —  
Os soldados a cavalo,  
Fazendo o patrulhamento.

Quando ouviram a tropelada,  
Os namorados correram.  
Procurando esconderijo,  
Abraçados se esconderam,  
Os praças passaram ao largo,  
Nem de longe perceberam.

A Jesus agradeceram,  
Quando os praças não os viram.  
Ainda trocando beijos,  
Sorrindo se despediram.  
Cada um para o seu lado,  
Às suas casas seguiram.

Até que chegou o dia  
Para o fim do novenário:  
Era a derradeira noite,  
Na igreja do Rosário.  
Mundinho compareceu,  
A convite do vigário.

No começo da novena,  
Coronel Ramiro deu  
Pela falta do seu terço.  
Mundinho compreendeu,  
Chegou perto do caudilho  
E lhe ofereceu o seu...

Ramiro disse: — Obrigado,  
Essa oferta é muito bela,  
Porém vá à minha neta,  
Entregue o seu terço a ela,  
Depois, por favor, em troca,  
Traga para mim o dela.

Esse terço de Jerusa  
Tinha um valor permanente:  
Era uma herança da avó,  
Que o avô lhe fez presente.  
Mundinho foi, fez a troca,  
Cumpriu a missão urgente.

Depois voltou para junto  
De Jerusa, a sua amada.  
Ela quis fugir, porém  
Se sentiu paralisada,  
Pelo licor da paixão  
Totalmente embriagada.

Escapando à vigilância,  
Dentre o povo se afastaram.  
Num corredor da igreja,  
Muito tempo conversaram,  
Porém a nenhum acordo  
Positivo eles chegaram.

Jerusa achava impossível  
O amor vigorar neles.  
Porém Mundinho sentia  
Haver uma força entre eles,  
Que não podia a política  
Intervir na vida deles.

Nesse ponto, eles sofriam,  
Na corda bamba da vida:  
Ele só pensava nela,  
Procurando uma saída —  
Ela só pensava nele,  
Sem posição definida.

Porém havia a política  
Separando os namorados.  
Vamos deixá-los sofrendo  
A dor dos apaixonados,  
Para irmos ver os outros  
Como estão alvoroçados.

A maioria dos homens  
Procurava Gabriela —  
Uns pela sua beleza  
Se apaixonavam por ela,  
Já outros eram atraídos  
Pelas palhaçadas dela.

Porque Gabriela, quando  
Tinha oportunidade  
De vir ao bar de Nacib,  
Atravessando a cidade,  
Para trazer seus bolinhos,  
Fazia barbaridade!

Se ela encontrava crianças,  
Em brincadeira animada,  
Agarrava o tabuleiro,  
Jogava numa calçada,  
Depois corria e caía  
No meio da meninada.

Jogava bola, pulava,  
Chegava até erguer a saia,  
Corria atrás dos meninos,  
Veze empinava arraia,  
Também brincava de roda —  
Não se importava com vaia.

Numa brincadeira, um dia,  
Deu-se um caso inesperado:  
Uma arraia de um menino  
Foi cair lá num telhado.  
Com essa perda, o garoto  
Ficou triste e desolado.

Porém, encostado à casa,  
Existia um caminhão.  
Gabriela pulou nele,  
Sem fazer objeção,  
E subiu pela parede  
Do enorme casarão.

Quando escalou o telhado,  
Começou receber vaia —  
O vento forte, soprando,  
Levantava a sua saia.  
Contudo ia se arrastando,  
Já muito perto da arraia.

Com aquilo, ela atraiu  
Uma enorme multidão —  
Uns com pena, outros com medo  
Dela vir cair no chão,  
Já outros assobiavam,  
Só fazendo mangação.

Até o turco Nacib,  
No seu bar foi avisado,  
Correu também para a praça,  
Com o cabelo assanhado.  
Quando chegou, avistou  
Gabriela no telhado.

Nisso ela vinha descendo,  
Com a arraia na mão.  
O Berto, filho de Amâncio,  
De cima do caminhão,  
Recebeu-a nos seus braços  
E depois pulou no chão.

O povo todo aplaudiu  
A ação de Gabriela.  
Berto botou-a em seu carro,  
Ninguém mais pôs a mão nela,  
Depois levou-a no bar,  
Com o tabuleiro dela.

Parecia até macumba:  
Enquanto os dias passavam,  
Os modos de Gabriela  
Aos homens enfeitiçavam —  
Tanto velhos como moços,  
Por ela se apaixonavam.

Coronel MelkTavares,  
Quando a viu, se apaixonou.  
Com o fim de seduzi-la,  
Uma velha contratou —  
Vizinha de Gabriela,  
Que a sedução começou.

Dona Arminda foi levar  
O recado a Gabriela,  
Dizendo que o coronel,  
Apaixonado por ela,  
Desejava tomar conta  
Agora da vida dela.

Disse mais que ele daria  
Uma casa mobiliada,  
Todo o conforto possível,  
Ainda uma empregada —  
Ela iria viver como  
Uma senhora casada.

Gabriela recusou  
A proposta oferecida.  
Disse: — Eu não gosto de velho  
Que tem a pele encolhida —  
Mesmo, esse coronel Melk  
De homem só tem a vida!

Dona Arminda retrucou:  
— Tudo de bom ele tem!  
É bonitão, forte e rico,  
Um homem que lhe convém —  
Se aceitar o amor dele,  
Vai ter tudo e passar bem!

— Deus me livre, dona Arminda!  
Respondeu ela zangada.  
Aqui estou muito bem,  
Tenho a vida sossegada!  
Na casa de seu Nacib,  
Não me tem faltado nada.

Mas quando o coronel soube  
Da proposta recusada,  
Ficou danado da vida,  
Disse de cara fechada:  
— Ela me chamou de velho —  
Eu mato aquela safada!

Dona Arminda disse: — Não!  
Faça uma coisa perfeita,  
Uma massagem no rosto —  
Quem não se ajeita, se enjeita!  
O senhor modificado,  
A Gabriela o aceita!

Agora, o coronel Melk  
Mandou fazer a massagem,  
Pintar cabelo e bigode,  
Para mudar a imagem —  
Ficou mais moço, porém  
Parecendo uma visagem.

Chegando na Intendência,  
A todo mundo assombrou.  
Coronel Ramiro Bastos,  
Espantado, perguntou:  
— Compadre, que diabo é isso?  
Quem o desmoralizou?

Ele disse: — São somente  
Drogas artificiais!  
Coronel Ramiro disse:  
— Essas coisas são banais!  
De que serve a cara lisa,  
Se o vigor não volta mais?

Dando mais umas desculpas,  
Coronel Melk saiu,  
Mas, quando chegou em casa,  
Que dona Idalina o viu,  
Teve um assombro tão grande  
Que um prato da mão caiu.

— Melk, que mudança é essa?  
A esposa perguntou.  
Ele disse: — Não está vendo  
Que seu velho remoçou?  
Ela se calou, porém  
Daquilo desconfiou...

No dia seguinte, Melk  
Foi visitar Gabriela,  
Levado por dona Arminda,  
Que fingia gostar dela.  
Chamou-a da porta e disse:  
— Vem ver que cara tão bela!

Gabriela apresentou-se,  
Disse: — Não gostei da norma!  
A mudança não convence,  
A mim mesma não conforma;  
Fica apenas mais ridículo —  
É velho da mesma forma!

Com isso, Melk saiu  
Aborrecido com ela,  
Porém dona Arminda disse:  
— Não se desengane dela!  
Tenha calma, arrume a casa,  
Que eu lhe entrego Gabriela!

Mas Melk sabia que  
Tinha à disposição dele  
No Bataclã uma moça  
Reservada para ele,  
Por Maria Machadão,  
Que só confiava nele.

Era Mariquinha que ele  
Antes só pensava nela,  
Estava até preparando  
Uma casa para ela —  
Só que já tinha mudado  
Dela para Gabriela.

Era assim que Melk estava  
De mais a mais se afundando —  
A vida amorosa dele  
A esposa investigando,  
Uma surpresa terrível  
Com um jagunço tramando.

Era um afilhado dela,  
Chamado Chico-Chicão,  
Que vivia com Aurora,  
Uma moça da função  
Do falado Bataclã  
De Maria Machadão.

Dona Idalina, com jeito,  
Soube que o marido tinha,  
No Beco das Mariposas,  
Alugado uma casinha,  
Que estava sendo pintada  
Para botar uma *zinha*.

Foi olhar de perto e viu  
Que a pintura era amarela —  
Por coincidência soube  
Que era a cor que Gabriela  
Preferia para si,  
Em todas as roupas dela.

Pensando ser Gabriela  
A mulher que Melk amasse,  
Contratou Chico-Chicão,  
Antes que o tempo passasse,  
Para lhe dar uma surra  
No dia que se mudasse.

Entretanto, Gabriela  
De Melk estava fugindo,  
Apesar de dona Arminda  
Viver sempre a seduzindo,  
Porém ela só gostava  
De Nacib, o moço lindo.

Todo o dia, dona Arminda  
Gabriela seduzia,  
Para que aceitasse Melk,  
Porém ela não queria,  
Até que o desenganou  
Dessa paixão doentia.



Agora, desenganado,  
Perdida toda a ilusão,  
Um recado recebeu  
De Maria Machadão,  
Dizendo que Mariquinha  
Estava à disposição.

Temendo a reputação,  
Para não sair da linha,  
Ao compadre Jesuíno  
Pediú como lhe convinha  
Para quebrar esse galho,  
Indo buscar Mariquinha.

O coronel Jesuíno  
Aceitou a solução.  
Porque já não tinha esposa  
Para lhe fazer pressão,  
Foi acertar o negócio  
Com Maria Machadão.

Machadão fez uma festa  
Para a noite da partida  
Da morena Mariquinha  
Que lhe era muito querida,  
Aonde todos dançaram  
*A Valsa da Despedida.*

Era tarde, muito tarde,  
Quando a festa terminou.  
O coronel Jesuíno  
A Mariquinha levou,  
No Beco das Mariposas  
Ao seu compadre entregou.

A casa estava às escuras,  
Melk deixou Mariquinha  
E foi comprar umas velas.  
Deixou a moça sozinha.  
Chicão estava escondido  
Em uma esquina que tinha.

Do escuro, aonde estava,  
Com a sua vida-torta,  
Viu quando Melk saiu,  
Entrou pela mesma porta —  
Bateu tanto em Mariquinha,  
Que a deixou no chão por morta.

Coronel. Melk chegou,  
Entrou na escuridão,  
Chamando por Mariquinha,  
Já temendo assombração.  
Quando acendeu uma vela,  
A viu tombada no chão.

Correu, pegou-a nos braços,  
Ela estava desmaiada,  
Toda ferida, sangrando,  
Com a cara toda inchada —  
Só pulsando o coração,  
Totalmente deformada.

Agora, Melk saiu,  
Sem saber o que fazia,  
À busca de Jesuíno,  
Traspassado de agonia,  
Para pedir-lhe que fosse  
Tirá-lo daquela *fria*.

Quando encontrou Jesuíno,  
Melk, fora da razão,  
Contou para o seu compadre  
A negra situação,  
Pedindo que ele o salvasse  
Da desmoralização.

Era para Jesuíno  
Afirmar que Mariquinha  
Estava por sua conta,  
Naquela hora mesquinha.  
Que havia sido atacada,  
Quando se achava sozinha.

Foram ao coronel Ramiro  
Contar o acontecido  
E saber como deixavam  
Aquele fato escondido,  
Pois, se a oposição soubesse,  
Estava tudo perdido.

Sabendo a grave notícia,  
Ramiro disse: — Danou-se!  
Compadre, com essa agora,  
Minha eleição acabou-se —  
Na boca da oposição  
Isso é um prato de doce!

Chamou o doutor Alfredo,  
Dizendo: — Meu filho vá  
Examinar essa moça,  
Para saber o que há —  
Veja o que pode fazer  
E depois me volte cá.

Doutor Alfredo, voltando,  
Disse: — Pai, a coisa é séria!  
Bateram muito na moça,  
Fizeram a maior miséria —  
Eu nem sei por que a alma  
Já não deixou a matéria!

Deixei-a no hospital,  
Desacordada, só viva.  
Pela falta de recursos,  
Não tenho uma alternativa —  
Por isso, não acredito  
Que essa pobre sobreviva!

O coronel respondeu:  
— Você tem que se mexer!  
Faça para revivê-la  
O que precisar fazer,  
Porque, para o nosso bem,  
Ela não pode morrer!

Essa moça é uma bomba  
Acesa na minha mão  
E, se ela morrer, explode  
Na boca da oposição —  
Do meu governo ninguém  
Sobraría da explosão!

Enquanto o doutor Alfredo,  
Usando a sua perícia,  
Tratava de Mariquinha,  
Guardado pela polícia,  
Jesuino à Machado  
Foi dar a grave notícia.

Descreveu todo o passado  
À Maria Machado,  
Dizendo que se calasse,  
Suprimisse a emoção,  
Para que nada chegasse  
À boca da oposição.

Por esse tempo, Mundinho  
Tinha feito um paradeiro  
Na saída do jornal,  
Seu amigo mensageiro,  
Pois, para comprar papel,  
Tinha faltado dinheiro.

Consultando os seus amigos,  
Pensou numa solução,  
Para pedir um empréstimo  
À Maria Machado,  
Porém ela se negou  
Servir à oposição.

Dizendo: — Doutor Mundinho,  
Os meus atos são fiéis!  
Tudo isso que possuo  
É obra dos coronéis —  
Ja não é pelo senhor  
Que eu vá sujar meus papéis!

Porém, sabendo a notícia  
Da desgraça acontecida,  
Em circunstâncias estranhas,  
Com a sua protegida,  
Sem poder nem visitá-la,  
Ficou danada da vida.

Então, para se vingar,  
Com toda a raiva mandou  
Chamar o doutor Mundinho  
E o dinheiro lhe emprestou —  
Ele comprou o papel,  
Logo o jornal circulou.

Quando o jornal foi chegado  
À mesa do coronel  
Ramiro, ele disse: — Alguém  
Está nos sendo infiel!  
Como Mundinho arranjou  
Dinheiro e comprou papel?

Compadre Melk investigue:  
Precisamos saber disso,  
Como também do bandido  
Causador do outro enguiço,  
Que bateu na pobre moça  
E depois levou sumiço!

Jesuino disse: — Eu sei  
 Quem pode ter feito um mal:  
 Só Maria Machado  
 Possui um bom capital —  
 Com raiva, pode ter dado  
 Para o papel do jornal!

Mas só dois meses depois  
 Esse assunto veio à tona:  
 O Berto, filho de Amâncio,  
 Investigou uma dona  
 Do cabaré Bataclã,  
 Que se chamava Neusona.

Se julgando amada, disse  
 Que Maria Machado  
 Tinha emprestado o dinheiro,  
 Na hora da precisão,  
 Para comprar o papel  
 Do jornal da oposição.

Então, Melk mais Amâncio  
 Juntaram para a vingança  
 A velha turma de choque  
 E foram na esperança  
 De fazer o quebra-quebra  
 Mesmo na hora da dança.

O salão estava em festa,  
 Porque nesse dia tinha  
 Chegado boa, curada,  
 A morena Mariquinha,  
 Da surra que recebeu,  
 Sem entender de onde vinha.

Começaram a bagaçada  
 Quebrando mesa e cadeira,  
 Com tudo mais que existia.  
 Prato, panela e chaleira —  
 Era para não ficar  
 Nem uma colher inteira.

Era uma batalha feia,  
 Pela falta de respeito  
 À propriedade alheia,  
 E ninguém não dava jeito —  
 Até mesmo o papagaio  
 Levou um tiro no peito.

Na luta, Amâncio caiu  
 Por cima de Mariquinha.  
 Ela pegou-o nas barbas  
 Com toda a força que tinha,  
 E o velho não conseguiu  
 Dominar a moreninha.

Suspenso pelas barbichas,  
 Com as rugas espichadas,  
 Deu um empurrão na moça  
 E, de barbas assanhadas,  
 Juntou-se aos outros, deixando  
 Todas as coisas quebradas.

Com essa missão cumprida,  
 Saíram aos empurrões.  
 Melk e Amâncio na frente  
 Deram as novas instruções,  
 Para que seus comandados  
 Cumprissem outras missões.

Machadão ficou chorando,  
 Porém levantou a testa  
 E disse: — Vamos em frente,  
 Arrumar o que nos resta,  
 Alegrar a nossa casa  
 E continuar a festa!

Enquanto no Bataclã  
 Voltava a festa ao salão,  
 Pelas ruas da cidade,  
 Com a polícia em ação,  
 Coronel Melk apertava  
 O fuso da oposição.

Entre Ramiro e Mundinho,  
 Fica o caldeirão fervendo,  
 Para sabermos agora  
 O que estava acontecendo  
 Com Nacib e Gabriela,  
 Como é que estavam vivendo.

Mais a mais, apaixonado  
 Nacib por Gabriela,  
 Apesar de há muito tempo  
 Estar morando com ela,  
 Entendeu de se casar  
 Para ser o dono dela.

Temendo que outro a tomasse,  
Uma noite disse: — Agora,  
Você vai casar comigo  
Para ser minha senhora,  
Dona de tudo que é meu —  
Isso vai ser sem demora!

Gabriela, apavorada,  
Disse quase sem pensar:  
— Precisa não, seu Nacib!  
Para que quer se amarrar?  
Eu estou bem, não precisa  
O senhor se incomodar!

Ele disse: — Não senhora!  
Não aceito esse argumento!  
Amanhã eu vou tratar  
Dos papéis do casamento,  
Que será realizado,  
Sem haver empecilho!

No outro dia falou  
Com a pessoa indicada,  
O doutor Tônico Bastos.  
Gabriela foi chamada,  
Porém, sobre a sua vida,  
Ela não sabia nada.

Não sabia onde nasceu,  
Nem cidade nem Estado,  
Não conheceu os seus pais,  
Era escuro o seu passado —  
De nome só Gabriela  
Tinha na mente gravado

Porém o doutor Tônico,  
Muito interessado nela,  
Com nomes de pais supostos,  
Tirou o registro dela —  
Assim foi feito o enlace  
De Nacib e Gabriela.

Mas Nacib não queria  
Que a esposa trabalhasse.  
Botou duas empregadas,  
Para que ela descansasse,  
Vestida como uma dama,  
Nada fizesse, mandasse.

Carinhosamente, agora,  
A chamava de Bié.  
Queria que ela lhe desse  
Beijo, abraço e cafuné,  
Por isso, não consentia,  
Nem que fizesse um café,

Era para andar calçada  
De sapato toda a hora,  
Porém, quando ele saía,  
Ela dizia: — É agora!  
Mudava o vestido bom,  
Jogava os sapatos fora.

Voava para a cozinha,  
Como quem criava asa,  
Empurrava as empregadas,  
No fogão mandava brasa,  
Lavava roupa, engomava,  
Tomava conta da casa.

Por esse tempo chegou  
Um circo com trapezistas,  
Bons animais amestrados,  
Palhaços, equilibristas.  
Gabriela ficou louca  
Para assistir aos artistas.

Porém, para seu desgosto,  
Como por coincidência,  
Apareceu um poeta  
Conquistando a preferência  
Para, nessa mesma noite,  
Fazer uma conferência.

Nacib comprou entradas  
Para ir com Gabriela  
Assistir à conferência,  
Porém acontece que ela  
Queria ir era ao circo,  
Que era o ambiente dela.

Foi à conferência à força,  
Quis voltar na mesma hora.  
Não agüentando os sapatos,  
Tirou-os e jogou-os fora,  
Dormiu e só acordou-se  
No momento de ir embora.

Chegando no bar deixou  
Nacib, o seu sustentáculo,  
Só se lembrando do circo,  
Sem pensar em obstáculo,  
Fugiu e foi assistir  
Ao resto do espetáculo.

Lá havia muita gente  
Observando a função,  
Mulheres do Bataclã  
Com Maria Machadão.  
Sorrindo como um maluco,  
Estava Chico-Chicão,

Amâncio, nesse momento,  
Embocou com a polícia  
À procura de Chicão,  
Que já não viu a milícia,  
Porém Aurora correu,  
Foi lhe levar a notícia.

Porém Chicão não pensava  
Deixar a função agora,  
Mas, quando viu a polícia  
O procurando na hora,  
Entrou no meio do povo,  
Desviou-se e caiu fora.

Assistindo ao espetáculo,  
Gabriela, abobalhada,  
Encontrou Tónico Bastos,  
Por quem foi cumprimentada.  
Ele, fingindo respeito,  
Beijou a mão da afilhada.

Sim, porque ele tinha sido  
Padrinho do casamento  
De Gabriela e Nacib,  
Porém o seu sentimento,  
Em relação à mulher,  
Era de burro jumento.

Terminado o espetáculo,  
Ele levou Gabriela  
Até a sua morada,  
Sempre abraçado com ela —  
E, desse dia por diante,  
Caiu sobre a graça dela.

Até que Nacib, um dia,  
Do crime foi avisado.  
Na hora foi e pegou  
Doutor Tónico deitado,  
Na sua cama, à vontade,  
Como estava acostumado.

Nacib, com um revólver,  
Começou a brincadeira,  
Porém Tónico pulou,  
Saiu doido na carreira,  
Apanhando a roupa toda  
Em cima de uma cadeira.

Recebeu uns quatro socos,  
Antes de sair correndo,  
Pela rua, de cuecas,  
Nas esquinas se escondendo.  
Ao entrar num jardim, quase  
Que um cachorro o ia mordendo.

Porém, como ele levava  
A roupa toda na mão,  
Procurou vestir as calças,  
Enganchou-se no portão,  
Vestiu somente a camisa  
E perdeu o cinturão!

Só depois de muita luta,  
Escapou dessa embrulhada,  
Enquanto que Gabriela  
Ficou toda arrebatada  
Da surra que recebeu,  
Sem gemer nem dizer nada.

Nacib bateu, porém  
Não quis matar Gabriela —  
Jogou-a da porta afora,  
Depois, por uma janela,  
Que se abria para a rua,  
Sacudiu as coisas dela.

Gabriela, toda roxa,  
Foi morar com dona Arminda,  
Curando os seus ferimentos,  
Lembrando Nacib ainda —  
Pois o amor, quando é grande,  
Dificilmente se finda.

Nacib contava a todos  
O triste acontecimento.  
Depois, foi aconselhado  
Que aquele seu casamento  
Podia ser anulado,  
Dentro do regulamento.

Pois tinham sido forjados  
Os papéis de Gabriela,  
Representando uma farsa  
Esse casamento dela,  
Que podia ser desfeito.  
Em combinação com ela.

Gabriela, convocada,  
Entre os chamados primeiros,  
Lá confirmou que os papéis  
Nunca foram verdadeiros.  
O juiz anulou tudo,  
Ambos ficaram solteiros.

Porém as ricas senhoras  
Da nobre sociedade  
Acharam ser um escândalo  
Aquela leviandade.  
Por isso, foram expulsar  
Gabriela da cidade.

Teria que abandonar  
A cidade, sem escala,  
Ou ir para o Bataclã,  
Para dar plantão na sala,  
Conviver com as mulheres  
Que tinham a sua iguala.

Gabriela recusou-se  
Cumprir aquela exigência,  
Porém as ditas senhoras,  
Achando ser indecência,  
Pediram aos seus maridos  
Que tomassem providência.

Agora, foi a policia  
Para expulsar Gabriela,  
Porém Nacib, com pena,  
De uma injustiça daquela,  
Escondeu-a no seu bar,  
Com os praças atrás dela.

À força entraram no bar,  
Toda a casa foi corrida.  
Para a sorte de Nacib,  
Não foi ela aparecida,  
Ninguém soube, no momento,  
Aonde estava escondida,

Nacib, dias depois,  
Sem lembrar mais Gabriela,  
Foi até o Bataclã.  
Lá encontrou-se com ela,  
Triste, chorando num canto.  
Teve muita pena dela.

Porque, naquele lugar,  
Ela não tinha valor;  
Não queria nenhum homem  
Contra o seu interior —  
Não trocava por dinheiro  
Os beijos do seu amor.

Nessa condição, Nacib  
Perguntou se ela queria  
Ir ser sua cozinheira —  
Nada mais lhe prometia.  
Ela disse que aceitava,  
Dando pulos de alegria.

Assim, Nacib levou-a  
Para casa novamente,  
Só para ser cozinheira —  
Porém tinha muita gente  
Que jurava que eles dois  
Eram como antigamente...

O povo fala demais,  
Sem haver necessidade...  
Porém vamos ver agora  
Uma grande novidade,  
Para abalar os políticos,  
Que apareceu na cidade.

A viúva do jagunço,  
Ferido no cemitério  
E logo em seguida morto,  
Envolvido em um mistério,  
Apareceu na cidade,  
Trazendo um conflito sério,

Com um menino nos braços,  
Andando de porta em porta,  
Morrendo de fome e sede,  
De cansaço quase morta,  
Pedindo comida e água  
Para aguar a sua horta.

Jerusa ouviu a mulher  
Contando o que aconteceu,  
Quem era e como o marido  
Tragicamente morreu.  
A moça, com muita pena,  
Dela se compadeceu.

Foi pedir ao coronel,  
Seu avô, um gesto nobre:  
— Vovô, tenha compaixão,  
Socorra logo essa pobre,  
Enquanto a oposição  
A desgraça não descobre!

O velho disse: — Jerusa,  
Isso não posso fazer!  
Se ajudasse essa viúva,  
O que não iam dizer?  
Que protejo criminosos —  
Ia me comprometer!

Vou chamar compadre Melk  
Para logo procurá-la,  
Pôr a polícia atrás dela  
E da cidade expulsá-la —  
Ela que vá se arranjar  
Aonde alguém aceitá-la!

Jerusa deixou o velho,  
Levando a mente em conflito,  
Para ajudar a viúva,  
Embora fosse esquisito,  
Antes que o avô cumprisse  
Aquilo que havia dito.

Para ajudar à mulher,  
Saiu em socorro dela.  
Logo encontrou-a na rua,  
Conduzindo-a com cautela  
E na casa de Mundinho,  
Apresentou-se com ela.

Mundinho ficou perplexo,  
Quando a Jerusa avistou,  
A que devia a visita,  
Apressado perguntou.  
Ela, sem fazer rodeio,  
O que queria explicou.

Disse quem era a mulher,  
Na sua necessidade,  
Pedindo que ele a ajudasse  
Com a maior brevidade,  
Porque seu avô queria  
Expulsá-la da cidade.

Mundinho disse: — Jerusa,  
Pode voltar descansada!  
Para a sua protegida,  
Aqui não faltaria nada —  
Por você eu farei tudo,  
Para vê-la sossegada.

Veja bem, essa mulher  
É um trunfo em minha mão,  
Porém, seu avô sabendo  
Que me pediu proteção  
Para salvá-la, você  
Terá uma punição!

Jerusa, se despedindo,  
Disse: — Eu bem sei, meu amigo!  
Porém vale o sacrifício —  
Não temo nenhum castigo,  
Vendo essa pobre viúva  
Salva de todo o perigo!

Mundinho, no outro dia,  
Fez uma subscrição  
Pelo seu jornal, pedindo  
A toda a população,  
Para a mulher sofredora,  
Uma contribuição.

Coronel Ramiro, lendo  
A notícia, se engasgou.  
A fumaça do charuto  
Que fumava o sufocou.  
Tossindo, faltando o ar,  
Na cadeira esbravejou:

— Como diabo essa mulher  
 Arrastou meu caminho?  
 Como foi aparecer  
 Lá na casa de Mundinho?  
 Só tendo sido levada  
 Pela mão de um mau vizinho!

Compadre Melk, eu preciso  
 Rapidamente saber  
 Quem foi esse traidor  
 Que nos veio aborrecer —  
 Ponha-se em campo e descubra  
 Onde ele foi se esconder!

Não sabia o coronel  
 Que foi a neta querida,  
 Usando a sua bondade,  
 Por uma pobre sofrida,  
 Deixando o velho político  
 Aborrecido da vida.

Enquanto o coronel Melk  
 O traidor procurava,  
 Surgiu um grave problema  
 Onde ele jamais esperava —  
 A sua filha Malvina  
 Às ocultas namorava.

Isso porque doutor Rômulo,  
 Por Mundinho contratado  
 Para a abertura da barra,  
 Há meses tinha chegado.  
 Agora, o seu compromisso  
 Quase estava terminado.

Porém, na sua chegada,  
 Encontrou-se com Malvina  
 E apaixonou-se por ela.  
 Por um capricho da sina;  
 Também foi correspondido  
 Pela inocente menina.

Mas, para a sua desgraça,  
 Era no Rio casado,  
 Embora que há muito tempo  
 Estivesse desquitado —  
 Porém, para o casamento,  
 Estava incapacitado.

Do namoro escandaloso  
 O povo estava falando,  
 Até que o coronel Melk  
 Pegou os dois namorando,  
 Numa pracinha, sentados  
 Em um banco, conversando.

A moça, nesse momento,  
 Ouviu o seu pai falar:  
 — Malvina, vá para casa,  
 Temos contas a ajustar!  
 Depois disse para Rômulo:  
 — Nós dois, vamos conversar!

Você está enganado  
 Com sua leviandade,  
 Namorando a minha filha,  
 Sujando a sociedade!  
 Dou-lhe vinte e quatro horas  
 Para deixar a cidade!

Eu sei, todo mundo sabe,  
 Que você já é casado!  
 Amanhã, depois do prazo,  
 Se for na rua encontrado  
 Por mim ou pela polícia,  
 Pode se chamar finado!

O engenheiro, assombrado,  
 Covarde, sem dizer nada,  
 Foi preparar a bagagem  
 Para fazer a jornada.  
 Enquanto aquilo, Malvina  
 Em casa era castigada.

Coronel Melk bateu  
 Na filha sem compaixão,  
 Porém ela, revoltada,  
 Tomou a resolução.  
 De fugir com doutor Rômulo,  
 Na sua injusta expulsão.

Fez um bilhete e mandou  
 Ao engenheiro entregar,  
 Dizendo que o esperava  
 Meia-noite, sem faltar,  
 Em um lugar afastado,  
 Numa pedra à beira-mar.



Porém ele, recebendo  
O bilhete, acovardou-se,  
Com muito medo, tremendo,  
Para partir apressou-se —  
Abandonou a cidade,  
Antes da hora encantou-se.

Enquanto a pobre Malvina  
Ficou na pedra sentada,  
Esperando o namorado  
Até alta madrugada —  
Ele corria com medo,  
Fugindo da namorada!

O doutor Ezequiel,  
Sabendo o acontecido,  
Foi avisar a Malvina  
Que o moço havia fugido.  
Ela voltou para casa,  
Dando tudo por perdido.

Porém o coronel Melk  
No outro dia mandou-a  
Pela mãe a Salvador,  
Que com gosto acompanhou-a.  
Para castigar a filha,  
Em um colégio internou-a.

A moça desse colégio  
Conseguiu se libertar.  
Fugiu, foi para São Paulo,  
Trabalhar e estudar —  
Foi viver por sua conta,  
Daí até se formar.

Malvina contou em carta  
A Jerusa o sucedido,  
Porém Melk soube apenas  
Que a filha tinha fugido  
Do colégio, sem saber  
Para onde ela havia ido.

Mesmo porque Melk, agora,  
Não descansava um momento:  
Todo o dia aparecia  
Um novo acontecimento,  
Que o deixava apavorado,  
Sem poder dar vencimento.

Porque já se aproximava  
O tempo da eleição  
E Melk não descobria  
O autor da traição —  
A cidade era envolvida  
Na mais louca confusão.

Mundinho também estava  
Em situação confusa,  
Porque quem ama demais  
A consciência não usa —  
Por isso, foi a Ramiro  
Pedir a mão de Jerusa.

O coronel recebeu  
Aquele estranho pedido.  
Respondeu: — Doutor Mundinho,  
Você é muito atrevido,  
Calculista, audacioso,  
Ou, então, doido varrido!

O doutor Mundinho disse:  
— Coronel, fique ciente  
Que o amor é uma força  
Dominadora da mente!  
Faz de um fraco um poderoso  
E de um covarde um valente!

O coronel retrucou:  
— Você passou do limite!  
Não consinto essa desgraça,  
Nem que o Diabo dê palpite!  
Retire-se desta casa...  
Não lhe faço outro convite!

Porém Jerusa, sabendo  
A notícia, adoeceu.  
Uma febre muito alta  
Todo o seu corpo envolveu.  
Doutor Alfredo, seu pai,  
Para salvá-la correu.

Jerusa queimando em febre,  
Com palavras delirava:  
— Mundinho, vem, meu amor!  
O travesseiro abraçava,  
Sem olhar para ninguém,  
Cinco, seis vezes beijava.

De mais a mais piorava,  
Nenhum remédio servia:  
Só chamava por Mundinho,  
Porém ninguém atendia,  
Até que o avô foi vê-la,  
Nessa penosa agonia.

Os demais familiares,  
Vendo a moça nesse estado,  
Pediram ao coronel,  
Por tudo o que era sagrado,  
Para que Mundinho fosse  
A toda pressa chamado.

O coronel, orgulhoso,  
Disse: — Não me fica bem  
Chamar um adversário,  
Que nenhuma moral tem!  
Ela morre, porém eu  
Não me rebaixo a ninguém!

Jerusa continuava  
Dando sérias convulsões,  
Chamando doutor Mundinho,  
No meio das contorsões.  
Os presentes já choravam,  
Afogando os corações.

Agora, não suportando  
Ver a filha padecer,  
O doutor Alfredo disse:  
— Pai, Jerusa vai morrer  
E o senhor é o responsável,  
Porque não quis atender!...

O coronel respondeu:  
— Ponho o meu brio de lado,  
Para que vocês não digam  
Amanhã que fui culpado!  
Mandem chamar esse homem —  
Quero ver o resultado!...

Chamado, Mundinho veio.  
Quando sentou-se na cama,  
Pegou na mão da doente,  
Disse com voz de quem ama:  
— Aqui estou, meu amor,  
Atendendo a quem me chama!

Jerusa, quase dormindo,  
Quando o contato sentiu,  
Como numa enlevação,  
Aquele voz longe ouviu.  
Voltando à realidade,  
Seus lindos olhos abriu.

Olhando a Mundinho disse,  
Quase não acreditando:  
— Você veio, meu amor?  
É verdade ou estou sonhando?  
O rapaz disse: — É verdade —  
Eu a estou visitando!

A moça ergueu-se na cama,  
Embora muito abatida —  
Sem forças materiais,  
Porém pelo amor erguida,  
O verdadeiro elixir  
Para quem ama na vida!

Mundinho disse: — Querida!  
Precisa se alimentar,  
Tomar os medicamentos,  
Para se recuperar —  
Confiar no nosso amor  
Para comigo casar!

Trazendo um copo de leite,  
Uma ama apareceu,  
Ainda com a mão trêmula,  
A doente recebeu,  
Embora sem muito gosto,  
Fazendo esforço bebeu.

Mundinho saiu, deixando  
Jerusa já melhorada,  
Bem tratada pelo pai,  
Pelo amor esperada.  
Dentro de poucas semanas,  
Estava recuperada.

Porém a velha cidade  
Estava pegando fogo:  
Na roleta da política  
Ninguém não fazia rogo,  
Nem podia adivinhar  
Quem ganharia no jogo.

De um lado, o doutor Mundinho  
Fazendo a oposição —  
Do outro, o velho Ramiro  
Mantendo a situação.  
O povo estava no meio,  
Fervendo no caldeirão.

Para maior agonia,  
Nesse agitado caminho,  
Veio Aristóteles Pires,  
Um amigo de Mundinho.  
E prefeito de Itabuna,  
Um município vizinho.

Pelo coronel Ramiro,  
Esse homem tinha sido  
Delegado de Itabuna,  
Anos atrás protegido,  
Porém, por questões políticas,  
Agora estava rompido.

Tendo chegado à cidade,  
Ramiro mandou chamá-lo,  
Pensando que o ex-amigo  
Chegava para ajudá-lo,  
Mas o prefeito Aristóteles  
Foi decepcioná-lo.

À frente do coronel,  
Sincero, disse que não  
Lhe daria o seu apoio  
Mais em nenhuma eleição,  
Porque estava apoiando  
Agora a oposição.

Assim dizendo, saiu,  
Para visitar Mundinho.  
Ramiro chamou Amâncio  
E disse: — Meu amiguinho,  
Quero que tire esse homem  
Da pressa do meu caminho!

Mande um jagunço certo,  
Que tenha o dedo de ouro,  
Dar-lhe um tiro entre os dois olhos  
Que a testa dê um estouro —  
Quero a bala na cabeça,  
Para não perder o couro!

O prefeito, recebido  
Por Mundinho, foi ligeiro  
Ver os trabalhos da barra,  
Feitos pelo engenheiro.  
Embarcou numa canoa,  
Sorridente e prazenteiro.

Enquanto ele olhava a barra,  
Sem pensar na sua sorte,  
Conversando com Mundinho,  
Recebendo o vento norte,  
Um jagunço, à beira-mar,  
Preparava a sua morte.

Escondido em umas pedras,  
A pontaria afinou,  
Dormiu na mira do rifle —  
Quando o gatilho puxou,  
Lá o prefeito pendeu,  
Dentro da água tombou.

Mundinho pulou depressa,  
Para salvar o amigo,  
Quando o retirou, viu sangue  
Que parecia um castigo.  
Estava vivo, porém  
Corria grande perigo.

Porque o jagunço havia  
Na hora tremido a mão,  
A bala pegou na lesta,  
Porém passou de raspão —  
Mesmo não matando, fez  
Um perigoso arranhão.

O ferido, por Mundinho,  
Ao hospital foi levado.  
Pelo doutor de plantão  
O ferimento tratado,  
Com as ataduras postas,  
O sangue foi estancado.

Mundinho chamou seu povo,  
Pedia que desse plantão  
No hospital dia e noite,  
Para que o amigo não  
Fosse atacado de novo,  
Sozinho, sem proteção.

Suspeitava que queriam  
Eliminar o prefeito,  
Para pôr a culpa nele,  
Destruir o seu conceito  
Perante o eleitorado,  
Para tirá-lo do pleito.

Enquanto, na Intendência,  
A situação fervia,  
Ranito estava uma fera,  
Só porque o jagunço havia,  
Por medo e incompetência,  
Errado na pontaria.

Disse, danado da vida:  
— A derrota eu não aceito!  
Esse jagunço não presta,  
O trabalho foi malfeito —  
Porque quero o homem morto,  
Agora, de qualquer jeito!

Melk respondeu: — Compadre,  
O prefeito não escapa!  
Pode deixá-lo comigo,  
Que eu vou rasgar o seu mapa —  
Faço-lhe um rombo na testa,  
Que um elefante não tapa!

Amanhã vou liquidá-lo,  
Lá mesmo no hospital,  
Ranito disse: — Cuidado!  
Não vá dar murro em punhal,  
Porque veio de Itabuna  
Uma guarda especial!

É composta de jagunços,  
Bem pagos pelo prefeito,  
Veio também o seu médico,  
Cirurgião de conceito,  
Homem de valor moral,  
Que nos merece respeito!

Além da oposição,  
Em vigilância maluca,  
Comandada por Mundinho,  
Que tem o Diabo na cuca —  
Quem for lá de corpo-aberto,  
Cai dentro de uma arapuca!

Mundinho teve suspeita  
Que a polícia ia invadir  
O hospital nesse dia.  
Mandou a guarda sair,  
Ficou só e desarmado,  
Já sabendo como agir.

Só à meia-noite foi  
Consumada a invasão:  
Quebrada a porta, a polícia  
Entrou, já de arma na mão,  
Coronel Melk na frente,  
Comandando o batalhão.

Porém ficou espantado,  
Só vendo o doutor Mundinho,  
Desarmado, sorridente,  
Impedindo o seu caminho,  
O ferido lá deitado,  
Em sua cama, sozinho.

Mundinho disse sorrindo:  
— O coronel veio tarde!  
Como vê, estou sem arma —  
Atire, se for covarde,  
Porque depois, nas profundas,  
A sua alma é quem arde!

Acho muita covardia  
Matar um homem ferido!  
Fique certo, coronel:  
Quando um crime é cometido,  
Ou na terra ou no inferno,  
Um dia será punido!

O coronel, hesitando,  
Sem dizer nada, aliás,  
Mandou a polícia embora  
E depois saiu atrás,  
Deixando o doutor Mundinho  
Com o seu amigo em paz.

Porém, temendo que fosse  
Agora denunciado  
Pelo jornal do Mundinho,  
Saiu como um cão danado,  
Invadiu as oficinas,  
Deixou tudo empastelado.

Somente o doutor Pelópidas  
No momento reagiu.  
Um soldado deu-lhe um tiro  
Que, quando a bala saiu,  
Sobre umas caixas de tipos,  
O jornalista caiu.

Coronel Melk correu,  
Foi avisar a Ramiro  
O que havia praticado  
Na hora que deu o giro  
Pelas oficinas gráficas,  
E como saiu o tiro.

— Agora danou-se tudo!  
O coronel respondeu.  
No caso do hospital,  
Você nada resolveu —  
Estamos todos perdidos,  
Se o jornalista morreu!...

Melk respondeu: — Porém  
Eles nada escreverão:  
O jornal empastelado,  
Já perderam a eleição!  
O eleitorado não sabe,  
Vota na situação!

Porém o coronel Melk  
Estava muito enganado,  
Porque o doutor Pelópidas  
Havia se levantado,  
Só com um braço ferido,  
Já por Mundinho enfaixado.

Mundinho disse: — Eu preciso  
Reagir sem mais demora,  
Dizer o que aconteceu,  
Antes que passe da hora —  
Meu jornal empastelado,  
O que vou fazer agora?

Lembrou-se de João Fulgêncio,  
Que tinha uma velha prensa,  
Com tipos desenhados,  
Em casa, numa despensa.  
Essa lembrança lhe trouxe  
Já uma esperança imensa.

Porque, com jeito, fizeram  
Um holetim à vontade  
Que, no outro dia, foi  
Espalhado na cidade —  
Embora faltassem letras,  
Porém dizia a verdade.

Explodiu como uma bomba  
Nas consciências cruéis.  
Ramiro, na Intendência,  
Convocou os coronéis,  
Porque, com o holetim,  
Inverteram-se os papéis.

Todos presentes, Ramiro  
Disse: — Os nossos inimigos,  
Escapam das armadilhas,  
Fogem sempre dos castigos —  
Enquanto que, para nós,  
Aumentam mais os perigos!

O compadre Jesuíno  
Amanhã será julgado.  
Pode ser absolvido  
Ou pode ser condenado —  
Só da nossa posição  
Depende esse resultado!

O doutor Ezequiel  
Será seu acusador,  
Inquirindo as testemunhas  
Ao lado do promotor.  
Somente o doutor Maurício  
Será o seu defensor.

O coronel Jesuíno  
Disse: — Então, vai haver festa!  
Vou levar o meu revolver —  
Sei que Ezequiel não presta,  
Se ele me prejudicar,  
Eu dou-lhe um tiro na testa!

Ramiro disse: — Compadre,  
Pelo amor de Deus não faça  
Essa desgraça na sala,  
Sem um copo ou uma taça,  
Porque com o tiro espirta  
Mais de um barril de cachaça!

Entretanto, precisamos  
Tomar uma posição,  
Que será de vida ou morte  
Contrária à oposição:  
Ou ela desaparece  
Ou morre a situação.

O prefeito de Itabuna  
Fugiu, nos ludibriando,  
E Mundinho continua  
Só nos desmoralizando —  
Se não agirmos depressa,  
Ele termina ganhando!

Precisamos preparar  
Uma tocaia a Mundinho --  
Ele precisa morrer,  
Amanhã, muito cedinho,  
Para que não atravesse  
Nunca mais nosso caminho!

Fiz tudo para evitar  
Porém ele não cedeu,  
Com a sua colher suja  
Minha panela mexeu --  
Ganharia pelos votos,  
Mas na bala ganhou eu!

Quero agora que os compadres  
Vão resolver esse assunto,  
Quando acordar amanhã,  
Não quero ver ninguém junto --  
Só quero ouvir a notícia:  
Mundinho já é defunto.

Matk e Amâncio saíram,  
Para fazer a desgraça:  
Prepararam dois jagunços,  
Desses que não são de graça,  
Um na torre da igreja,  
Outro na esquina da praça.

Mesmo assim, os dois compadres  
Ficaram de prontidão,  
Orientando os jagunços,  
Corrigindo a posição,  
Para Mundinho ser morto  
Com o boletim na mão.

Jesuíno foi dormir,  
Sentindo uma emoção forte,  
Porque no dia seguinte,  
Sendo acusado de morte,  
Na roleta da Justiça,  
Jogaria a sua sorte.

Todos saindo, Ramiro  
Pensou haver resolvido  
A sua vida política,  
No que tinha decidido.  
Subiu para a sua alcova,  
Sentindo o dever cumprido.

Para dormir descansado,  
Mandou abrir as janelas,  
Suspendeu os cortinados  
Que já não tocassem nelas,  
Para que, pela manhã,  
O sol entrasse por elas.

Porque queria acordar  
Debaixo do seu lençol,  
Ao descobrir a cabeça  
Ver o clarão do arrebol,  
Sendo aquecido e beijado  
Já pelos raios do sol.

Adormeceu como um justo.  
Porém enquanto dormia,  
Alheio à sua vontade,  
Muita coisa acontecia,  
A sua missão findava...  
Nunca mais se acordaria!

Mundinho, pela manhã,  
Cumprindo a sua missão,  
Saiu com o boletim,  
Passando de mão em mão,  
Mostrando as novas façanhas  
Das leis da situação.

Nessa distribuição,  
Seguido pelos amigos,  
Não pensava nem de longe  
Nos iminentes perigos  
Que corria, já na mira  
Dos rifles dos inimigos.

Os jagunços só queriam  
Acertar nele sozinho:  
Quando iam puxando o dedo,  
Tinha outro no caminho.  
Assim, estava custando  
O fim do doutor Mundinho.

Porém, naquele momento,  
A cidade estremeceu —  
Um grito triste, estridente,  
Todas as ruas encheu:  
— Coronel Ramiro, à noite,  
Em sua cama morreu!...

Ouvindo o grito, os compadres  
A matança suspenderam,  
Dispensaram os dois jagunços,  
Para a Intendência correram,  
Entraram como foguetes —  
Vendo o compadre, tremeram.

Com um sorriso nos lábios,  
Ramiro havia morrido,  
Como quem dizia: — Agora,  
O meu dever foi cumprido!  
Os raios do sol brilhavam  
No rosto do falecido.

Isso foi um verdadeiro  
Golpe de misericórdia  
Na vida dos coronéis,  
Que viviam da discórdia —  
Teriam que procurar  
Fazer agora a concórdia.

As forças da oposição  
Com o choque se acalmaram,  
Os agitados espíritos  
Agora se desarmaram —  
Unidos no sofrimento,  
Ao enterro acompanharam.

Assim, a cidade em peso,  
Com ideais mais humanos,  
Reverenciou o chefe  
Que a governou muitos anos —  
Partiu deixando saudades,  
Sem completar os seus planos.

Enquanto o chefe político  
Estava sendo enterrado,  
O coronel Jesuíno  
No júri era condenado  
A pagar o crime bárbaro,  
Meses atrás praticado.

O tabu ficou quebrado  
Com essa condenação:  
Os coronéis viram agora  
Mudada a situação —  
Teriam que se ajustar  
Dentro da lei da razão.

Todas as armas políticas,  
Agora, foram depositas:  
As forças dessa batalha  
Pelos dois lados compostas,  
Entraram em entendimentos,  
Traçando novas propostas.

O doutor Alfredo Bastos,  
Modificou sua sina:  
Abandonou a política,  
Foi viver da Medicina,  
Servindo à humanidade,  
Numa profissão divina.

Doutor Mundinho ficou  
Dono da situação,  
Humanamente servindo  
A toda a população,  
Sem distinguir cor política,  
Nem fazer perseguição.

Amava muito a Jerusa,  
Também por ela era amado.  
Na morte do coronel,  
Não se julgava culpado.  
Porém, indiretamente,  
Estava prejudicado.

Isso era o que ele pensava,  
Que era amado e não sabia,  
Assim pensando, não tinha  
Coragem nem energia,  
Para procurar a moça  
E dizer o que sentia.

Enquanto Jerusa estava  
 No seu maior sentimento,  
 Toda coberta de luto,  
 Era a cruz do sofrimento,  
 Mesmo assim não retirava  
 Mundinho do pensamento.

Ela achava que Mundinho  
 Pelo acaso vencera,  
 Não tinha nenhuma culpa  
 Em tudo o que acontecera —  
 O culpado era o destino,  
 Que o seu avô escolhera.

Sempre pensavam um no outro,  
 Até quando se encontraram —  
 Atraídos por Cupido,  
 Loucamente se abraçaram,  
 Sobre os acontecimentos,  
 Muita coisa comentaram.

Agora, já não havia,  
 Entre Jerusa e Mundinho,  
 A barreira da política  
 Atravessando o caminho —  
 Comemoraram o encontro  
 Com beijo, abraço e carinho.

Sem haver oposição,  
 Ficaram muito felizes,  
 As sementes da paixão  
 Brotando as suas raízes,  
 No roseiral do amor,  
 Com os mais lindos matizes.

Em qualquer luta o amor  
 Vence todos os rivais,  
 Exerce influência até  
 Entre os irracionais,  
 Domina todos os seres,  
 No reino dos animais.

Em nosso raciocínio,  
 Foi isso o que constatamos,  
 Na trajetória vivida  
 Pelos heróis que passamos,  
 Vivendo um drama passado  
 No romance que findamos,

A todas as personagens,  
 As atrizes e aos atores,  
 Nosso afetuoso abraço,  
 Com parabéns e louvores —  
 Que façam outras novelas,  
 Em cenários multicores!

Aqui pedimos desculpas  
 Dos erros que, porventura,  
 Fora da nossa vontade,  
 Venham surgir na leitura,  
 Dos versos que construímos,  
 Dentro da literatura.

Juntos aqui, nós levamos  
 O nosso muito obrigado,  
 Reverenciando a esse  
 Grande escritor inspirado,  
 Elo da literatura,  
 Autor muito consagrado —  
 Mundo a fora, rei do livro,  
 Aumentado o seu mercado!  
 Deixamos, como homenagem,  
 O seu nome escrito ao lado.

A Mundinho um grande abraço,  
 Levamos por seu valor,  
 Muitos beijos a Jerusa,  
 Elegante em seu amor,  
 Isso só por confiança,  
 Deixamos, como lembrança,  
 A Gabriela, uma flor!

FIM



4773

# APRENDA TUDO SOBRE O CARRO E COMO DIRIGI-LO

MOTORISTA  
EM 8 LIÇÕES



VALOR DAS  
MULTAS

MOTOR EXERCÍCIOS  
REGRAS DE PARA  
NACIONAL TRÂNSITO EXAMES

CÓDIGO  
NACIONAL  
DE TRÂNSITO

O VALOR  
DAS MULTAS

MOTOR

NOVA  
SINALIZAÇÃO

EXERCÍCIOS  
PARA  
EXAMES

ATENDEMOS PEDIDOS PELO REEMBOLSO  
POSTAL - LUZEIRO EDITORA LTDA - 03018  
RUA JOÃO BOEMER, 528 - SÃO PAULO

5713